



OFENSIVA BURGUESA EM TEMPOS DE GOLPE: O “MARXISMO CULTURAL” NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Bourgeois offensive in times of coup: “cultural Marxism” in Brazilian education

Leonardo Carnut*

 <https://orcid.org/0000-0001-6415-6977>

Cristiano Gil Regis**

 <https://orcid.org/0000-0002-6024-6032>

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir sobre o papel do “marxismo cultural” como uma das ofensivas realizadas pela burguesia brasileira no período do golpe institucional de 2016. Para isso, optou-se por uma revisão bibliográfica acerca do tema em uma perspectiva histórico-crítica. O artigo está dividido em duas seções. Na primeira se discute porque compreendemos que o “marxismo cultural” é uma forma de ofensiva da burguesia contemporânea visando à desqualificação da educação brasileira, e na segunda parte aborda-se como “marxismo cultural” como ofensiva se traduz em uma tática política da extrema-direita nada muito original, com semelhanças consistentes com outros períodos históricos de crise de grande envergadura do capitalismo. Por fim, ressalta-se o papel da esquerda em desvelar o caráter reacionário deste termo caso queira preservar o lugar de prestígio que o direito à educação pública ainda mantém no País.

PALAVRAS CHAVES

Marxismo cultural. Educação. Luta política. Fascismo.

ABSTRACT

This article aims to discuss the role of “cultural Marxism” as one of the offensives carried out by the Brazilian bourgeoisie in the period of the 2016 institutional coup. The article is divided into two sections. The first part discusses why we understand that “cultural Marxism” is a form of offensive by the contemporary bourgeoisie aimed at disqualifying Brazilian education, and a second part discusses how “cultural Marxism” as an offensive translates into a political tactic of the far right, nothing very original, with similarities consistent

* Cientista Social. Pós-doutor em Saúde Pública. Professor da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP, São Paulo, Brasil). E-mail: leonardo.carnut@gmail.com

** Enfermeiro. Doutor em Interdisciplinar em Ciências da Saúde. Professor da Universidade Federal do Acre (UFAC, Cruzeiro do Sul, Brasil). E-mail: cristianogilregis@gmail.com

DOI 10.22422/temporalis.2022v22n43p109-122



© A(s) Autora(s)/O(s) Autor(es). 2022 **Acesso Aberto** Esta obra está licenciada sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR), que permite copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato, bem como adaptar, transformar e criar a partir deste material para qualquer fim, mesmo que comercial. O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

with other historical periods of major crisis in capitalism. Finally, the role of the left in revealing the reactionary character of this term is highlighted if it wants to preserve the prestige place that the right to public education still maintains in the country.

KEYWORDS

Cultural Marxism. Education. Political struggle. Fascism.

Introdução

As manifestações de junho de 2013 iniciaram um processo que levou à articulação política do Golpe de Estado sobre o do governo Dilma, um governo, a luz do espectro ideopolítico considerado de centro-esquerda, mas que após diversas pressões econômico-políticas externas e internas foi cedendo ao capital e suas frações. Este caminho pavimentou a ascensão da extrema direita no Brasil à eleição de seu representante, antes interdita politicamente pela coalização petucana, e socialmente, pelos avanços das liberdades democráticas especialmente das minorias.

Esse movimento de ascensão da extrema-direita brasileira, que iniciou de forma mais ampla, com variadas parcelas da população, alimentou-se no transcurso da “guinada à direita” do governo Dilma cuja capilaridade social da insatisfação política se manifestou especialmente no Partidos dos Trabalhadores (antipetismo). Esta insatisfação fez convergir forças sociais nas camadas médias em torno do ataque deliberado à esquerda e suas compreensões de mundo de forma muito similar àquela vivenciada nos Estados Unidos no período do macarthismo¹.

Aproveitando-se da insatisfação popular e da crise econômica brasileira, a direita brasileira guiou-se pelas suas forças ultraconservadoras e assumiu um discurso moralista anticorrupção, que acusa a esquerda de ser responsável por todos os males relacionados à crise social e de subverter a “ordem” através do culto de valores contra a família e contra a religião.

Associada à erosão dos espaços tradicionais de representação política, a produção constante de anomia por parte da razão neoliberal e o uso enérgico das redes sociais reavivaram uma tendência regressiva latente (ROBLES, 2019). Foi assim, na conformação deste cenário conjuntural, que a polarização política cresceu. O descrédito das lideranças políticas de centro-esquerda permitiu a adesão eleitoral a um personagem político desconhecido, que remota ao militarismo hodierno e que recupera a versão fisiologista da política conservadora brasileira.

Este personagem, Jair Messias Bolsonaro, arregimentou forças sociais ao redor de seu discurso de ódio baseado na retórica neofascista. Com um discurso difuso que misturava bandeiras de defesa da liberdade e da autonomia individual, defendia a intervenção militar

¹ Baseado no senador americano do Wisconsin, Joseph McCarthy e no contexto do auge da guerra fria (1950-1954), o ‘macarthismo’ indica a atitude anticomunista absoluta concretizada em uma visão política maniqueia e numa verdadeira e autêntica perseguição aos antiamericanos porque são automaticamente comunistas. É um estilo político, de caráter “paranoide” especialmente pela mania persecutória que ostenta e teve como alvo servidores do aparelho estatal estadunidense à época (BONAZZI, 2016).

e a perseguição à esquerda (imagem associada ao petismo). É nesse bojo que Bolsonaro vocifera e conclama à guerra ao marxismo e ao comunismo, intitulando todos aqueles que se nutrem da perspectiva crítica como “adeptos vermelhos”. Com apoio do exército e de igrejas evangélicas fundamentalistas, prometia governar pela família, a pátria e em nome de Deus e, claro, extirpar o marxismo das instituições.

É neste contexto que o “bode expiatório” da guerra cultural ao marxismo no Brasil pós-golpe ganhou o nome de “marxismo cultural”², sendo este o motivo pelo qual a tensão sobre a esquerda é permanentemente incitada valendo-se de justificativa para o ataque ao pensamento social crítico. É neste caminho que este artigo tem como objetivo discutir sobre o papel do “marxismo cultural” como uma das ofensivas realizadas pela burguesia brasileira no período do golpe institucional de 2016. Para realizar esta discussão, optou-se por uma revisão bibliográfica acerca do tema em uma perspectiva histórico-crítica, no intuito de resgatar o termo e seus antecedentes na luta política da extrema-direita contra o comunismo.

O artigo está dividido em duas seções. Na primeira se discute porque compreendemos que o “marxismo cultural” é uma forma de ofensiva da burguesia contemporânea visando à desqualificação da educação brasileira, e na segunda parte aborda-se como o “marxismo cultural” como ofensiva se traduz em uma tática política da extrema-direita nada muito original, com semelhanças consistentes com outros períodos históricos de crise de grande envergadura do capitalismo.

“Marxismo cultural”: uma forma de ofensiva da burguesia contemporânea

O “marxismo cultural” é o que se pode chamar de uma “teoria da conspiração”³ que foi difundida pelo conservadorismo da extrema-direita estadunidense a partir dos anos de 1990. Trata-se de uma forma de marxismo, como alegam esses grupos conservadores, que engloba termos econômicos a termos culturais via Escola de Frankfurt. Segundo os extremistas de direita, o “marxismo cultural” teria se infiltrado nas sociedades ocidentais com o objetivo final de destruir suas instituições e valores tradicionais através do estabelecimento de uma sociedade global, “igualitária”⁴ e multicultural (LOPES, 2019; SCHMIDT, SANTOS, 2019).

² Como apontam Gehardt e Frantz (2019), o “marxismo cultural” foi usado como estratégia eleitoral justificando a necessidade de um conservadorismo cultural.

³ Segundo Liebel (2017) uma teoria da conspiração trata-se um conjunto de narrativas que surgem para sustentar uma percepção social em encontrar um “bode expiatório” necessário para aliviar sua frustração. Ainda que falaciosa, as narrativas que compõem uma teoria da conspiração, fruto da paranoia, ganham importância histórica ao adentrar a arena pública e se mostrar relevante para os desenvolvimentos políticos de determinado momento histórico. Quando ganham as massas, a teoria e a paranoia são responsáveis por encaminhamentos práticos determinantes. Trata-se, ao fim, dos resultados de uma crença, de uma ilusão. Já em uma abordagem mais conservadora, Barkun (2015) se restringe a dizer apenas que as teorias da conspiração são “afirmações não aceitas por aquelas instituições nas quais confiamos para validação da verdade”.

⁴ O igualitarismo, tal como foi colocado por Marx (igualdade como liberação das capacidades individuais) (CALLINICOS, 2009), não é aquele que é compreendido e vociferado pelos conspiracionistas. Para os que

De acordo com essa teoria conspiratória, a Escola de Frankfurt seria a origem de um movimento contemporâneo da esquerda mundial para destruir a cultura ocidental. Essa teoria da conspiração tem recebido apoio de um *think tank* norte-americano chamado *Free Congress Foundation* e é divulgada majoritariamente por paleoconservadores como Pat Buchanan e William S. Lind.

No Brasil, o principal proponente do “marxismo cultural” foi Olavo de Carvalho, além de Marcel Van Hattem, o Instituto Liberal, Rodrigo Constantino do Instituto Millenium, os proponentes da mobilização ‘Escola sem Partido’, o padre católico Paulo Ricardo e instituições confessionais universitárias como a Universidade Mackenzie em São Paulo. Jair Bolsonaro e vários membros do seu governo, dentre eles o ex-ministro da educação, Ricardo Vélez Rodríguez e o das relações exteriores, Ernesto Araújo⁵, também acreditam na existência de tal conspiração (SILVA, 2020).

A expressão “marxismo cultural” em si deriva de uma teoria conspiratória similar que foi muito popular durante a ascensão do nazismo na Alemanha da primeira metade do século XX, onde recebia o nome de “bolchevismo cultural”. Os conspiracionistas afirmavam que o multiculturalismo e a cultura do “politicamente correto” seriam a realização dos planos da Escola de Frankfurt. Especialmente sobre o que ocorreu na Alemanha com o nazismo e nos Estados Unidos (a partir do *Espionage Act* em 1917), esses eventos podem ser considerados como as origens do que hoje chamamos de “marxismo cultural” (COSTA, 2020).

No Brasil, o início e o aumento do uso do termo “marxismo cultural” coincidem com esse movimento da direita no intuito de reassumir formalmente o poder do executivo federal. O jornal *Folha de S. Paulo*, por exemplo, publicou 191 matérias desde 16 de julho de 2011 contendo o termo. Por sua vez, o jornal *O Globo* tem 104 matérias publicadas contendo o termo desde 03 de setembro de 2014. O governo Bolsonaro, desde sua campanha até os dias atuais, tem sido também marcado por questionamentos à ciência e ao conhecimento científico, desvalorização do ensino superior, cortes de financiamento para universidades federais e privatização da educação. Ao analisar as perspectivas do Ministério da Educação no governo Bolsonaro, Nacif e Silva Filho (2019), apontam que:

defendem o marxismo cultural, quaisquer avanços no acesso a recursos de poder (igualdade como “recurso” - *resourcism*) é vista como ameaça e, por isso, a simples forma do “politicamente correto” que permite a crítica ao acesso a esses recursos (do “poder de fala”, de “expressão”, de “crítica” – dentre outros) já seriam o suficiente para que os conspiracionistas considerassem o “igualitarismo” como perigoso. Ora, achar que a fala, a expressão e a crítica são formas de distribuição do poder que ameaçam sua existência é achar que o poder está restrito ao discurso. Essas formas discursivas, por mais que detenham algum poder reivindicatório, estão longe de ser o cerne da questão dos “recursos” (materiais) em uma sociedade capitalista. Isto denota, em última instância, a paranoia dos conspiracionistas relacionada ao tema, como também, o nível de perversidade destes grupos ao advogar tamanha interdição.

⁵ Ernesto Araújo, na seção de apresentação sobre ele mesmo em seu blog, denomina globalismo como: “a globalização econômica que passou a ser pilotada pelo marxismo cultural. Essencialmente é um sistema anti-humano e anticristão (PENA, 2019). Curioso identificar que a ‘globalização’ é um fenômeno de ordem capitalista associada à expansão do mercado consumidor, especialmente necessário inclusive, para a própria sobrevivência do capitalismo”.

o programa apresentado, a composição da equipe e as medidas dos primeiros meses de governo apontam para uma sólida decisão de ignorar décadas de pesquisas, dados e evidências sobre a Educação brasileira, por uma luta contra “inimigos imaginários”. O governo coloca-se, desde a campanha eleitoral, numa distância abissal da complexidade das grandes questões da Educação brasileira e isso pode ser observado tanto no diagnóstico da Educação, como na ausência de proposições para os problemas educacionais do país. O Ministério é guiado por três eixos: As teses da privatização e da militarização, associados ao combate à teoria conspiratória conhecida como “marxismo cultural”. (NACIF; SILVA FILHO, 2019, p. 237).

Na mesma sintonia, em uma entrevista com professor associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ex-diretor do ANDES-SN, Luiz Eduardo Acosta, o professor explica melhor como e porque o fenômeno tem atingido com mais força as instituições educacionais.

o “marxismo cultural” [...] avança no bojo da crise sistêmica que abala o capitalismo: seja esta entendida tanto como crise de transição ou de decomposição. Há uma interpretação que diz que em Gramsci, contra Lenin, há uma substituição da classe trabalhadora (operária) pela “classe” intelectual (dos docentes das universidades públicas) que realiza a tarefa de destruição do capitalismo através da conquista moral e intelectual da sociedade, ocupando para isto, os aparelhos privados de hegemonia ou, no dizer de Althusser, os aparelhos ideológicos do Estado. Daí que a luta pela defesa do capitalismo e junto com ele da família e dos costumes tradicionais, é uma luta contra os intelectuais, as universidades públicas, os aparelhos de consenso do Estado (preservando os aparelhos de coerção: forças armadas, polícia, poder judiciário). (ACOSTA, 2019, p. 308).

Seguindo sua agenda moralista, a extrema-direita brasileira alega que uma doutrinação comunista domina as práticas docentes e que o ambiente escolar é responsável pela difusão da “ideologia de gênero”, que confronta os valores da família tradicional (GRIGERA *et al.*, 2019). Gaudêncio Frigotto, ao ser entrevistado por Hermida e Lira (2020), argumenta que o “marxismo cultural” se alimenta do culto ao ódio e se utiliza desse sentimento baseado no irracionalismo para despejar ataques a tudo aquilo que se remeta à esquerda, aos socialistas e ao pensamento crítico.

Por isso, os criminaliza pela destituição do que para eles é a “ordem natural das coisas” (o poder pátrio, a submissão feminina, a subsunção do negro etc.). Para eles esta ordem de valores está ameaçada pelos “ventos democráticos” que a escola assumiu nos últimos anos no Brasil.

Em uma matéria recente da *Folha de S. Paulo* que cita o termo, afirma-se que “no governo Bolsonaro, o Ministério da Educação foi transformado em um *bunker* do olavismo em sua guerra contra o ‘marxismo cultural’”. Faz referência às ideias do escritor Olavo de Carvalho, guru do atual presidente, que permeiam o referido ministério, mesmo com a troca de ministros⁶ (ALQUÉRES, 2020). Segundo Nascimento (2019, p. 3): “Ricardo Vélez Rodríguez

⁶ Nas palavras de Zaidan (2019, p. 95): “Mas o que é o ‘marxismo cultural’, alvo da cruzada pedagógica dos ministros da Educação? Esta expressão quer designar aquilo que conhecemos como ‘marxismo ocidental’, para se diferenciar ou se contrapor ao ‘marxismo soviético’. Seus principais fundadores foram: Georg Lukács,

dizia que ‘As universidades devem ficar reservadas para uma elite intelectual, que não é a mesma elite econômica [do país]’ [e faz apologia] ao enfrentamento do ‘marxismo cultural’”.

Abraham Weintraub, Ministro da Educação que sucedeu a Véllez, já deu diversas declarações segregacionistas em relação à educação, “precisamos vencer o “marxismo cultural” nas universidades [...]. Quando um comunista chegar com papo, xinga. Faz como o Olavo de Carvalho diz pra fazer. E quando for dialogar, não pode ter premissas racionais” (SILVA, SILVA, CUSATI, 2020), ou ainda, de maneira mais tolhida⁷, o atual Ministro da Educação Milton Ribeiro (que já foi vice-reitor da Universidade Presbiteriana Mackenzie) que, evitando citar o “marxismo cultural” diretamente⁸, aponta que a escola deve bater em crianças, evitar falar sobre casamento gay e discutir o criacionismo.

Nesse sentido, percebe-se que a educação superior tem sido atacada nos últimos anos, mas com mais força a partir do início do governo Bolsonaro e seus ministros. Da mesma forma, supõe-se que outros países possam estar passando por situação semelhante, de ataque à educação utilizando-se do marxismo cultural⁹, por isso resgatar a história do termo e seus usos é fundamental para entender o que se vive no presente.

Marxismo cultural: nada de muito original como tática de extrema-direita

Teorias da conspiração são fenômenos políticos muito utilizados para arregimentar forças sociais em massas difusas e pauperizadas que, em meio a crises sociais profundas veem soluções rápidas advindas de algum tipo de irracionalismo. O “marxismo cultural” como uma dessas teorias não é uma exceção e o uso deste termo pelos conspiracionistas tem sido utilizado para denominar o “suposto” fenômeno de disseminação e “dominação” do

Ernest Bloch e Karl Koch. E a fonte prístina desse movimento foi o livro seminal da juventude de Lukács: ‘História e consciência de classe’”. Suas fontes de inspiração: Hegel e Marx. Suas categorias básicas: consciência, dialética e totalidade. O denominado ‘marxismo cultural’ é uma corrente de ideias [dentro do marxismo ocidental] que resolveu fazer a crítica da cultura, no capitalismo tardio, da mesma forma que Marx teria feito a crítica da economia burguesa”.

⁷ Alguns setores da burguesia queriam um ministro menos polêmico e que colocasse em marcha a destruição da educação pública Bolsonaro perseguiu um perfil alinhado ideologicamente às suas posições, com autoridade acadêmica e alguma ligação com uma instituição de ensino superior (VIVAN, 2020).

⁸ Nesta conjuntura, como coloca Considera (2019, p. 285): “o trânsito decisivo no palco das questões educacionais está se deslocando para aquele mesmo ‘lar’ utópico, onde (acredita-se) a criança e o adolescente estariam a salvo de todos os perigos e de todas as ‘doutrinações’ [da escola pública] de professores e de uma educação inculcadora de ideias do ‘marxismo cultural’ [...] através da prática do *homeschooling*”. Se este fosse realmente o motivo, no momento da pandemia (em que os estudantes do ensino fundamental e médio) precisaram do *homeschooling*, paradoxalmente o governo Bolsonaro e demais estados subnacionais permitem reabertura das mesmas “escolas doutrinadoras” como argumento de que o ensino (especialmente o privado) não pode parar.

⁹ Para os adeptos ao marxismo cultural, a conquista do poder político se daria com a hegemonia superestrutural (estrutura jurídico-político-institucional) sem uso da força e antes da chegada aos governos, engendrando-se a ‘guerra cultural’ via subversão ideológica da sociedade capitalista cristã ocidental. É neste contexto que, para os conspiracionistas, a educação (enquanto instituição) tem sido o espaço pelo qual a ‘guerra cultural’ ao marxismo, esquerdismo, progressismo, ou quaisquer formas de concepção teórico-política de conteúdo crítico-social deve ser dizimada.

marxismo no mundo. Antes mesmo de ser cunhado como um termo pela extrema-direita do pós-guerra, ao analisarmos melhor, a sua origem remonta à extrema-direita fascista cujo representante que inaugura a ideia é o nazismo alemão. Para consolidar a ideia, os nazistas precisaram que

na fase de germinação, e ascenso, contar com os bons serviços de elementos pequeno-burgueses – derrotados, ressentidos, fracassados, endividados e/ou falidos, desenraizados, inseguros, forjadores de identidades, mistificadores, truculentos etc. – que aderiram com entusiasmo a dois dos seus fundamentos mais conhecidos: racismo e anticomunismo. (COSTA, 2020, p. 15).

O racismo dirigido aos judeus explorou como elemento de ressentimento e antissemitismo a publicação “Os protocolos dos sábios de Sião” de Pavel Krushevan (1906). Esta foi uma das primeiras e mais influentes tentativas de associar o marxismo a uma trama mais ampla de dominação judaica, contida nesta famosa fabricação czarista em que a sucessão “Darwinismo, marxismo, [e] Nietzsche-ismo” são alegados como tendo sido cuidadosamente orquestrados por agentes sionistas a fim de viciar a *Weltanschauung* da intelectualidade, comprometendo assim a própria civilização ocidental. Os “Protocolos...” foram fundamentais para angariar apoio para contrarrevolucionários após a conquista do Estado pelos bolcheviques poder na Rússia (ACUÑA, 2015).

Já o anticomunismo foi fruto à reação nazista à revolução bolchevique (1917) e à revolução alemã (1918 e 1919) que ameaçavam o poder expansionista hitleriano. Porém, é na obra *Mein Kampf* (“Minha luta”) de Adolf Hitler, que o termo “marxismo cultural” surgiu (ainda sem esse nome) por ser uma declaração de guerra ao marxismo e à sua expressão cultural máxima: o bolchevismo (“bolchevismo cultural”)¹⁰. Afirma que o marxismo é a “arma da conspiração judaica internacional” e que o “bolchevismo na arte é a única forma cultural possível de exteriorização do marxismo” (COSTA, 2020, p. 26-27).

O bolchevismo cultural emergiu especialmente quando na década de 1920 na Alemanha de Weimar, artistas alemães como Max Ernst¹¹ e Max Beckmann¹² foram denunciados por Adolf Hitler e apoiadores como “bolcheviques culturais”. Estas afirmações nazistas se fundamentavam sobre o caráter vanguardista das obras de arte destes artistas que, para os nazistas, eram ataques às concepções de família, identidade, música, arte e vida intelectual (SPOTTS, 2002). O “marxismo cultural” é uma variante contemporânea do termo inicial “bolchevismo cultural” cuja ideia é servir-se do conteúdo conspiratório para ratificar dos valores da extrema-direita.

Logo após o pós-segunda guerra, os ideólogos da extrema-direita adicionaram ao conteúdo do enredo conspiracionista de sua teoria de interpretações distorcidas da

¹⁰ O bolchevismo cultural (alemão: *Kulturbolschewismus*), é por vezes referido especificamente como bolchevismo judaico, bolchevismo sexual, arte bolchevista ou música bolchevista. Foi um termo amplamente utilizado pelos nazistas para denunciar modernistas e movimentos progressistas na cultura.

¹¹ Pintor alemão autodidata, naturalizado norte-americano e depois francês. Também praticou a poesia entre os surrealistas (BRADLEY, 1999).

¹² Pintor alemão, inicialmente de corrente impressionista e que logo após aderiu ao movimento artístico “nova objetividade”. Seus quadros expressavam uma crítica social à Alemanha do pós-guerra.

compreensão de ‘Estado Ampliado’ e ‘guerra cultural’, conceitos do corpo teórico aludido à Antonio Gramsci, como também a elementos da ontologia do ser social em Georg Lukács. Segundo eles, esses intelectuais teriam “concordado” que a realização do comunismo não poderia mais ser feita através da esfera socioeconômica. Isso só poderia ser realizado por meio de uma chamada ‘luta cultural’. Ao fazer isso, os marxistas teriam esboçado o “mapa intelectual” da revolução cultural do politicamente correto (AERTS, 2020).

Com o início da Guerra Fria, palavras como marxismo, socialismo e comunismo se tornaram tabu nos Estados Unidos (COSTA, 2020). Assim, nos Estados Unidos algo muito semelhante de conteúdo antimarxista teve origem antes dessa década e surgiu de forma semelhante à Alemanha, após a Revolução de Outubro de 1917 (COSTA, 2020). Nesse ano, houve a aprovação do *Espionage Act*, uma lei que deu início à perseguição de militantes de esquerda e em 1918 a aprovação do *Smith Act*, lei que autorizava violência contra as organizações dos trabalhadores. Foi um período conhecido como o primeiro *red scare*, em que batidas (*Palmer raids*), prisões e deportações aconteceram em todo o país (COSTA, 2020). Foi neste contexto em que a repressão aos trabalhadores ganhou relevo e, para se justificar precisava da adesão da população. Assim, retóricas conspiratórias precisavam emergir para justificação da violência à resistência à opressão capitalista.

O segundo *red scare* iniciou em meados dos anos 1930 e foi até 1975. Como uma nova ofensiva da burguesia contra os trabalhadores ganhou forma, nesse período também foi o auge do macarthismo. A teoria conspiratória ganhava contornos marcadamente anticomunistas e foi delineada pela luta contra a suposta “infiltração comunista” na administração pública, no sistema educacional e na indústria cultural estadunidense.

Nesse período, houve a fundação do movimento abertamente neofascista *America First Party* em 1945, que retomou a campanha de denúncia a judeus, comunistas e simpatizantes da União Soviética em Hollywood, e da *Motion Picture Alliance for the Preservations of American Ideals* em 1947, que contribuiu para o lançamento de recomendações alertando para o “perigo” da propaganda comunista subliminar em filmes (COSTA, 2020).

Todo esse caminho de sobrevivência de teorias da conspiração culminou hoje no que se chama de “marxismo cultural”. Enquanto conteúdo que se conhece hoje, o termo foi cunhado inicialmente por comentaristas políticos nos Estados Unidos no início dos anos 1990. O conceito foi popularizado pela figura paleoconservadora¹³ americana Pat Buchanan¹⁴ — famosa por ter promovido a noção de uma “guerra cultural” pela “alma da América” no *Republican National Convention* em 1992 — e teve um ressurgimento da

¹³ São posições descritas como paleoconservadoras são aquelas parecidas com as visões da “velha direita americana” tais quais: o tradicionalismo, governo limitado, a ética judaico-cristã, regionalismo, nacionalismo e identidade europeia. Teórico político Paul Gottfried é creditado com inventar o termo na década de 1980. Ele diz que o termo originalmente se referia a vários americanos, como conservadores e católicos tradicionalistas e agrárias sulistas, que se voltaram para anticomunismo durante a Guerra Fria (HAWLEY, 2017).

¹⁴ Patrick Joseph Buchanan é um político paleoconservador americano que serviu como Diretor de Comunicações da Casa Branca durante a maioria do segundo mandato de Ronald Reagan. Também foi um Conselheiro Sênior durante os mandatos de Richard Nixon e Gerald Ford (HAWLEY, 2017).

popularidade no final da década de 2010 com o surgimento do chamado “alt-right” em torno da eleição de Donald Trump (TUTERS, 2018).

O terceiro *red scare*, último e mais recente (década de 1990) coincide com a formalização do termo “marxismo cultural” que trouxe repercussões que contribuíram para a eleição de Donald Trump em 2016. O termo ganhou tanta força que inspirou o terrorista norueguês Andrew Brevik¹⁵ (SCOTT, 2011; JAMIN, 2013). Atualmente, o combate ao “marxismo cultural” é feito, principalmente por Jordan Peterson e Steve Bannon e outras figuras de corte neofascista que se aproveitaram do cenário de crise para disseminar a ideia (COSTA, 2020).

O fato é que, na onda ultraneoliberal provocada após a crise de 2008 e associada à crise de longa depressão anunciada por economistas políticos marxistas (ROBERTS, 2016), o “marxismo cultural” tem usado como justificativa o “giro radical à direita” como forma de enfrentamento à profunda crise do modo de produção capitalista no padrão neoliberal. Assim este discurso é assumido para disfarçar os elementos da aguda crise entre capital-trabalho apelando aos valores tradicionais como a saída da crise extrema creditada às degenerações de grupos sociais específicos que ‘forçariam’ um igualitarismo “impossível” de existir.

Atualmente, o movimento conservador e reacionário *Tea Party* remonta à Escola de Frankfurt a origem do “marxismo cultural”, pois, para este movimento os membros da Escola de Frankfurt “imigraram para os Estados Unidos em sua fuga ao nazismo, [sendo] constituída por judeus, [combinando] as teorias dos judeus, Marx e Freud...” (COSTA, 2020, p. 38). A narrativa do “marxismo cultural” atribui uma incrível influência ao poder das ideias da Escola de Frankfurt, podendo ser até ser lida como uma espécie de “homenagem perversa” a esta última.

Em um relato apresentado no estudo de Estulin (2009), os que creem no “marxismo cultural” acreditam que Theodor Adorno tenha ajudado a criar técnicas novas e insidiosas de controle da mente que agora são usadas pela “grande mídia” para promover sua “agenda liberal” — isso como parte do trabalho de Adorno, ao emigrar pela primeira vez para os Estados Unidos, com Paul Lazarsfeld no famoso Projeto de Pesquisa de Rádio de Princeton, que ajudou a popularizar a teoria do contágio dos efeitos da mídia com o estudo da transmissão de Orson Welles em 1938 da Guerra dos Mundos.

¹⁵ Anders Behring Breivik, legalmente Fjotolf Hansen, também conhecido por seu pseudônimo Andrew Berwick, é um terrorista de extrema direita norueguês que cometeu os ataques de 2011 na Noruega. Seu atentado mais conhecido foi matar 69 participantes de um acampamento de verão da Liga da Juventude Operária (AUF) na ilha de Utøya. Nesse momento deixou um manifesto intitulado “2083: uma declaração europeia de independência”, no qual apresenta sua definição de marxismo cultural. Para ele se tratava de uma teoria da conspiração da Escola de Frankfurt, contada por analistas como uma cópia de “Politicamente correto: uma breve história de uma ideologia” por Paul Weyrich’s. O texto também copia trechos do manifesto *Unabomber*, sem dar crédito, ao substituir as palavras “esquerdistas” por “marxistas culturais” e “negros” por “muçulmanos” (SCOTT, 2011).

Em um sentido irônico, essa literatura pode talvez ser entendida como popularizando versões simplificadas ou distorcidas de certos conceitos inicialmente desenvolvidos pela Escola de Frankfurt, bem como aqueles do marxismo ocidental de forma mais geral. O fato é que o conceito de “marxismo cultural” busca apresentar aos leitores não familiarizados com — e presumivelmente completamente desinteressados — sobre o pensamento marxista ocidental, os seus principais pensadores, bem como algumas de suas ideias, como parte de uma história insidiosa de “operações secretas” de controle da mente cujas nuances podem diferir, mas cuja premissa básica é notavelmente semelhante (TUTERS, 2018).

Outra transformação de conteúdo do termo “marxismo cultural” pode ser atribuída à Williams Lind. Para Lind, ao invés de rememorar o ataque direto aos judeus (tal qual era no bolchevismo cultural) prefere focar na questão do “globalismo”, um termo que confunde capitalistas (partidários da “globalização” capitalista) com socialistas e comunistas (partidários de uma revolta “global” da classe trabalhadora contra a globalização capitalista).

Ataques a “globalistas” (bem como a “cosmopolitas” ou, para usar um termo anterior, “internacionalistas”) são frequentemente usados para tornar o antissemitismo mais palatável para um público mais amplo. O antissemitismo há muito se apoia em uma equiparação de judeus a capitalistas e comunistas; um elemento frequente da crença antissemita tem sido a representação do judeu como “banqueiro e bolchevique” (BRAUNE, 2019).

Andrew Breitbart, o fundador do *Breitbart News*, um novo meio de comunicação de direita que apoiou Donald Trump, afirmou que quando a União Soviética se desintegrou, a batalha tomou uma forma diferente. Em vez de mísseis, a nova arma era a linguagem e a educação, e a esquerda internacional construiu com sucesso uma infraestrutura global para divulgar sua mensagem: escolas, jornais, notícias da rede, arte, música, filme (TUTERS, 2018). Mirrlees (2018) aponta que o “marxismo cultural” também tem sido usado para encetar o ódio interseccional nos EUA. Ele constrói uma noção patriarcal, branca e cristã da supremacia na América em resposta à estabilização desta ordem pela busca contínua de justiça social e mudanças sociais mais amplas ligadas ao capitalismo multinacional e ao neoliberalismo progressivo.

Busbridge, Moffitt e Thorburn (2020) analisam como o “marxismo cultural” se transnacionalizou deixando suas reservas nas periferias da extrema direita americana e agora aparentemente tornando-se global (e, em certa medida, popular). Em Flanders, o ressurgimento das teorias da conspiração em torno do “marxismo cultural” tem sido alvo de investigações jornalísticas. Preconceitos ideológicos nas universidades, a ataques a acadêmicos rotulados como “marxistas culturais” têm sido a tônica.

A teoria da conspiração gera muitas frustrações e problemas que as pessoas experimentam com o falso concreto e, portanto, é necessário investigar a quimera do “marxismo cultural” e expô-la pelo que ele é (AERTS, 2020) especialmente em sua ligação

com a ascensão da extrema-direita de corte neofascista que vê no setor educacional sua oportunidade em radicalizar seu ataque à classe trabalhadora (CARNUT, 2021).

Na América Latina, o “marxismo cultural” tem tido sua expressão. Segundo Stefanoni (2018, 2020) a luta contra o “marxismo cultural” na América latina é um dos “burros de carga” dos novos direitos: seu argumento é que, após o fracasso do socialismo real, a esquerda — supostamente inspirada nos escritos de Antonio Gramsci — deu uma guinada para a cultura e, a partir daí, se reconstruiu como força hegemônica, de mãos dadas com a luta contra os valores tradicionais enfrentados pelo feminismo e movimentos LGBTQIA+ a exemplo do movimento Iluminismo Sombrio, um dos mais pronunciados dessa fase. Além do combate ao “marxismo cultural”, esse movimento declara guerra aberta a todo conhecimento científico, ao feminismo, à ação afirmativa, à liberação sexual, à igualdade racial, ao multiculturalismo, aos direitos LGBTQIA+ e ao ambientalismo (COSTA, 2020).

No caso do Brasil, o “marxismo cultural” teve um papel estratégico nas eleições presidenciais brasileiras de 2018 que elegeram Bolsonaro (COSTA, 2020). Em 2011, logo anos antes a situação desgastada da esquerda no cenário político-econômico, o termo já emergiu em jornais de direita no País, como já comentado. Após o golpe institucional vivenciado pela presidenta Dilma Rousseff o termo caiu no gosto popular e desde então tem sido frequentemente usado por Jair Bolsonaro como forma de desqualificar a esquerda e as instituições públicas, das quais a educação superior é a principal, que, em sua versão, está “contaminada” com esquerdistas de “professam” o “marxismo cultural”.

Mais surpreendente desta discussão no caso da América Latina e sua expressão no Brasil é o que o sucesso de um discurso anticomunista típico dos anos 1950 fazia bastante sentido, pelo menos âmbito da resistência de direita ao avanço revolucionário no continente. Contudo, o que foi vivenciado com o progressismo petista parece ser mais um argumento que justifica o caráter paranoico da teoria. Muitos discursos da extrema-direita brasileira se valem da bandeira vermelha do PT como se ela expressasse um compromisso com um projeto radical e anticapitalista.

Discursos desse tipo poderiam fazer sentido na Colômbia, com Álvaro Uribe, ou no Peru, com Alberto Fujimori — dois líderes com alguma semelhança familiar com Bolsonaro — já que nesses dois países o conflito interno entre Estado e guerrilheiros se deu com alguma corporeidade armada. Contudo no Brasil, a experiência do PT foi extremamente moderada, a ponto de Rousseff ser considerada por parte da esquerda como muito tecnocrática e até quase “neoliberal” (STAFANONI, 2018).

Por estas razões é que expor as características do “marxismo cultural” e sua crítica à educação é algo fundamental para ser desvelado. A intenção dos extremistas de direita é, em última instância, procurar razões pelas quais o ataque à educação, em especial à superior pública, deve ser constante, sistemática e contínua.

Nesse sentido, fazer o contraponto a esta abordagem conspiracionista é uma tarefa incontornável da esquerda, caso queira preservar o lugar prestígio que o direito à educação pública ainda mantém no País.

Referências

- ACOSTA, L. E. Entrevista: O capital contra a educação da classe trabalhadora. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v. 11, n. 1, p. 298-309, 2019.
- ACUÑA, M. E. **The origins and ideological function of cultural marxism**. Jan. 2015. Disponível em: <https://img.fireeden.net/tg/image/1493/65/1493657370583.pdf>. Acesso em: 18 out. 2020.
- AERTS, A. **Histoire d'un complot du marxism culturel**. 25 mar. 2020. Disponível em: <https://lavamedia.be/fr/histoire-dun-complot-du-marxisme-culturel/>. Acesso em: 18 out. 2020.
- ALQUÉRES, H. **A Educação precisa respirar**. Folha de São Paulo, 26 jun. 2020. <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/06/a-educacao-precisa-respirar.shtml>. Acesso em: 18 out. 2020.
- BARKUN, M. Conspiracy theories as stigmatized knowledge. *Diogenes*, USA, v. 62, n. 3-4, p. 114-120, 2015.
- BONAZZI, T. Macarthismo. In: BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de Política**. 13. ed. 5. reimp., 2016. v. 2. p. 725-726.
- BRADLEY, F. **Movimentos da Arte Moderna: Surrealismo**. São Paulo: Cosac Naify, 1999.
- BRAUNE, J. Who's Afraid of the Frankfurt School? "Cultural Marxism" as an Antisemitic Conspiracy Theory. *Journal of Social Justice*, v. 9, 2019.
- CALLINICOS, A. Igualitarismo e crítica social. *Lutas Sociais*, São Paulo, n. 21-22, p. 122-131, 2009.
- CARNUT, L. Neo-fascism and the public university: the Brazilian conjuncture in the Bolsonaro government. *Journal for Critical Education Policy Studies*, United Kingdom, v. 19, p. 312-342, 2021.
- CONSIDERA, A. L. Educação familiar desescolarizada: questões, tensões e aporias. *RevistAleph*, Niterói, RJ, v. 32, 2019.
- COSTA, I. C. **Dialética do marxismo cultural**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.
- ESTULIN, D. **The true story of the Bilderberg Group**. New York: Trine Day. 2009.
- GRIGERA, J. et al. The long Brazilian crisis: A Forum. *Historical Materialism*, United Kingdom, v. 27, n. 2, p. 59-121, 2019.

HAWLEY, G. **Making sense of the alt-right**. New York: Columbia University Press, 2017.

HERMIDA, J. F.; LIRA, J. A educação e o avanço da nova (ou extrema?) direita no Brasil: entrevista com Gaudêncio Frigotto. **Roteiro**, Joaçaba, v. 45, p. 1-14, 2020.

JAMIN, J. **Anders Breivik et le «marxisme culturel»**: Etats-Unis/Europe. *Amnis: revue d'étude des sociétés et cultures contemporaine Europe-Amérique*, Paris, v. 12, p. 1-24, 2013.

LIEBEL, V. Uma fachada pelas costas: paranoia e Teoria da Conspiração entre conservadores no refluxo das Greves de 1917 na Alemanha. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 37, n.76, p. 45-71, 2017.

LOPES, A. C. Articulações de demandas educativas (im)possibilitadas pelo antagonismo ao “marxismo cultural.” [Comentário]. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, USA, Arizona, v. 27, n. 109, p 1-24, 2019.

MIRRLEES, T. The alt-right's discourse of “Cultural Marxism” a political instrument of intersectional hate. **Atlantis: Critical Studies in Gender, Culture and Social Justice**, Halifax, Canada, v. 39, n. 1, p. 49-69, 2018.

NACIF, S. P. G.; SILVA FILHO, P. A educação brasileira na mira do obscurantismo e Estado mínimo. In: Fundação Perseu Abramo (org.). **Brasil: incertezas e submissão?** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 231-250, 2019.

NASCIMENTO, W. F. Gramáticas morais, riscos mortais. **Interface**, Botucatu, São Paulo, v. 23, p. e190085, 2019.

PENA, L. P. J. “Globalismo”: o discurso em política internacional sob a ideologia da nova extrema direita brasileira. **Fronteira: Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais**, Belo Horizonte, v. 18, n. 36, p. 371-386, 2019.

BUSBRIDGE, R.; MOFFITT, B.; THORBURN, J. Cultural Marxism: far-right conspiracy theory in Australia's culture wars. **Social Identities: Journal for the Study of Race, Nation and Culture**, United Kingdom, v. 26, n. 6, p. 722-738, 2020.

ROBLES, M. Á. R. Conspiración y meme en la alt-right: notas sobre el mito del marxismo cultural. **Re-visiones**, Madrid, n. 9, p. 1-27, 2019.

SCHMIDT, S. M.; SANTOS, R. S. **Análise do discurso e teoria do marxismo cultural**: traços de uma proposta semelhante. 21-24, out. 2019. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/11820/10539>. Acesso em: 17 out. 2020.

SILVA, M. G. Reflexões sobre o “marxismo cultural”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, RR, ano II, v. 1, n. 3, p. 77-81, 2020.

SILVA, O. C.; SILVA, J. G. F.; CUSATI, I. C. A atuação do professor crítico na educação do século XXI: considerações sobre o cenário político brasileiro à criticidade docente. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 11684-11702, 2020.

SPOTTS, F. **Hitler and the power of aesthetics**. Woodstock, New York: Overlook Press, 2002.

STEFANONI, P. Brasil: pandemia, guerra cultural y precariedad. Entrevista concedida à Lena Lavinas. **Nueva Sociedad**, n. 287, p. 49–59, 2020.

STEFANONI, P. Biblia, buey y bala... recargados Jair Bolsonaro, la ola conservadora en Brasil y América Latina. **Nueva Sociedad**, n. 278, p. 4-11, 2018.

TUTERS, M. Cultural Marxism. **Krisis: Journal for contemporary philosophy**, v. 2018, n. 2, p. 32-34, 2018.

VIVAN, R. P. **Quem é e o que defende o atual ministro da Educação?** Esquerda Marxista: Corrente Marxista Internacional. 23, set. 2020. Disponível em: <https://www.marxismo.org.br/quem-e-e-o-que-defende-o-atual-ministro-da-educacao/>. Acesso em: 17 out. 2020.

ZAIDAN, M. As Ciências Humanas e o Tempo Presente: Uma Abordagem do Ponto de Vista da Filosofia e da História. **Ágora Filosófica**, Recife, v. 19, n. 3, p. 251-260, 2019.

Submetido em: 6/4/22

Aceito em: 14/6/22